

**Espaço
Aberto**
Professores de Ciências e os desafios da Docência durante a suspensão das Aulas Presenciais de 2020


“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (Bondía, 2002). O texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, de Jorge Larrosa Bondía, tem permeado as discussões do grupo de estudos e pesquisas Co(M)textos, durante o ano de 2020. Tomamos como tema a experiência docente no ensino de ciências durante o período de suspensão das atividades docentes presenciais e instauração da docência por meio remoto, que ocorreu de forma heterogênea no país como um todo, e entre os membros do grupo de forma particular.

Bondía (2002) apresenta uma contraposição entre experiência e informação. Nos fala sobre o sujeito na sociedade atual que quer saber muitas coisas, passa seu tempo buscando informação e teme não tê-la suficiente. No entanto, pode ser que, com toda essa informação, nada lhe passe, nada lhe aconteça. É o que percebemos enquanto docentes no grupo, pois após um momento inicial de silêncio, talvez de perplexidade diante do isolamento social, houve uma explosão de informações no que diz respeito ao ensino de ciências e seus desdobramentos. Começaram a ser propostas lives, webinários, eventos. Muitas vezes com autores que, por diferentes razões, não conseguiríamos ouvir falar em outro contexto. Isso gerou inicialmente uma adesão voluntária. Ficamos agradecidos por poder acessar gratuitamente, honrados por participar. E o que poderia se constituir como uma experiência no sentido da fruição e do aprendizado passou a se constituir em experiência também, porque nos passa, nos toca, no entanto, com o sentimento da angústia de não dar conta de tanta informação disponível.

Entendemos que informação não é sinônimo de compreensão. O excesso de informação está trazendo um sentimento de urgência, que impede a experiência pelo aprendizado. Não há tempo para refletir ou aprender, temos que estar informados e preparados para a ação, sem que nada nos toque. A agenda de um professor da educação básica ou do ensino superior está tomada por extensas reuniões de trabalho, em uma ideia que parece ter se tornado hegemônica, de que o trabalho feito a partir de casa pode ser requerido a qualquer momento, sem a possibilidade de imprevistos ou demandas outras. São reuniões para discutir o currículo, a avaliação, aprender a utilizar a plataforma adotada pela instituição de ensino... Além disso, é necessário

fazer atendimento remoto aos estudantes, produção de material, correção de avaliações. Tudo isso requer tempo, que não é previsto ou computado na carga horária de trabalho dos professores, mas é exigido. Também há uma ideia de que todos partem do mesmo ponto, têm as mesmas habilidades tecnológicas, o que não é verdadeiro. Para produzir, por exemplo, um vídeo de qualidade sobre chuva ácida, de duração de cinco minutos, são necessárias muitas vezes oito horas de trabalho, entre criação de roteiro, filmagem e edição. No entanto, somos chamados hoje a produzir um vídeo de cinco minutos em cinco minutos. Sem edição, sem roteiro, sem reflexão. Como, nesse contexto, viver e possibilitar a vivência de experiências? Se presencialmente era possível ao professor uma devolutiva direta dos estudantes, que comentavam, perguntavam e faziam relações com o aprendizado, atualmente o que os docentes têm diante de si muitas vezes é uma turma com microfones e câmeras desligados, nenhum retorno sobre o aprendizado.

Podemos passar por tudo isso sem que nada nos aconteça, “firmes”, “inatingíveis” e “anestesiados”. Contudo, temos a opção de nos tornarmos sujeitos da experiência, “receptivos”, “aceitantes”, abertos à nossa própria transformação. Para assumir esta segunda opção, que nos parece permitir uma vida própria, concordamos com Bondía (2002) e consideramos importante valorizar a coletividade, “escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”.

Andreia Francisco Afonso (UFJF)

Cristhiane Carneiro Cunha Flôr (UFOP)

Cristian Júnior Damasceno (UFOP)

Denise Cristina Leocádio da Silva (UFJF)

Gilmar Pereira de Souza (UFOP)

Marilena Kaiser Rossignoli (SMA/PMJF)

Patrícia Maria Azevedo Xavier (IFBA)

Pedro Amarilho Almeida Macedo (UFJF)

Silvio Ivanir de Castro (Colégio de Aplicação João XXIII/UFJF)

Vítor Iotte Medeiros (UFJF)

Diretoria SBEnQ:

Presidente: Gerson Mól (UnB)

Vice-Presidente: Elisa Prestes Massena (UESC)

Secretária Geral: Edenia Amaral (UFRPE)

Secretário Adjunto: Carlos Alberto Marques (UFSC)

Tesoureira: Maria Helena Roxo Beltran (PUC-SP)

Boletim da SBEnQ
Comitê Editorial:

Cláudio Henrique Perdigão (IFPE)

Elisa Prestes Massena (UESC)

Gerson Mól (UnB)

Letícia dos Santos Pereira (UFBA)

Contato e envio de textos:

boletim@sbenq.org.br

Site:

<https://sbenq.org.br/>

Expediente